



Avaliação,  
Políticas  
e Expansão  
**da Educação  
Brasileira 7**

**Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)**

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão da  
Educação Brasileira 7

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

A945 Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 7 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 7)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-464-1

DOI 10.22533/at.ed.641191007

1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 379.981

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

Atena  
Editora

Ano 2019

## APRESENTAÇÃO

O livro “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira” contou com a contribuição de mais de 270 artigos, divididos em 10 volumes. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da educação, sobretudo, avaliação, políticas e expansão da educação brasileira.

A temática principal foi subdividida e ficou assim organizada:

Formação inicial e continuada de professores - **Volume 1**

Interdisciplinaridade e educação - **Volume 2**

Educação inclusiva - **Volume 3**

Avaliação e avaliações - **Volume 4**

Tecnologias e educação - **Volume 5**

Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos; Gênero e educação - **Volume 6**

Teatro, Literatura e Letramento; Sexo e educação - **Volume 7**

História e História da Educação; Violência no ambiente escolar - **Volume 8**

Interdisciplinaridade e educação 2; Saúde e educação - **Volume 9**

Gestão escolar; Ensino Integral; Ações afirmativas - **Volume 10**

Deste modo, cada volume contemplou uma área do campo educacional e reuniu um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis do ensino.

Entregamos ao leitor a coleção “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”, divulgando o conhecimento científico e cooperando com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A COMPREENSÃO DE LETRAMENTO DOS ALFABETIZADORES DE JOVENS E ADULTOS	
Maria Isabel Tromm	
Rosana Mara Koerner	
DOI 10.22533/at.ed.6411910071	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>6</b>
A FORMAÇÃO E O FORTALECIMENTO DA LINGUAGEM TEATRAL COMO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA PRÁXIS DOCENTE	
Hugo de Melo-Rodrigues	
José Albio Moreira de Sales	
Cicera Sineide Dantas Rodrigues	
Tatiana Maria Ribeiro Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6411910072	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>14</b>
A IMPORTÂNCIA DA ESPECIFICIDADE DA LINGUAGEM LITERÁRIA PARA UMA EDUCAÇÃO CRÍTICA	
Susana Vieira Rismo Nepomuceno	
Gabriela Alves Ferreira de Oliveira	
Andréa Portolomeos	
DOI 10.22533/at.ed.6411910073	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>23</b>
A UTILIZAÇÃO DE TEXTOS JORNALÍSTICOS COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO CIENTÍFICA	
Rosemary Carvalho de Sousa	
Raphael Alves Feitosa	
Gerlyson Rubens dos Santos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6411910074	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>29</b>
AQUISIÇÃO DAS PRIMEIRAS FORMAS DA LINGUAGEM INFANTIL	
Givaldo Carlos Candrinho	
DOI 10.22533/at.ed.6411910075	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>33</b>
ATIVIDADES DO PROJETO CAMINOS: ENTRE A LÍNGUA, A LITERATURA E A CULTURA ARGENTINA	
Carla Luciane Klos Schöninger	
Iasmin Assmann Cardoso da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6411910076	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>40</b>
DA PAIDEIA NA GRÉCIA CLÁSSICA À RELAÇÃO COM O <i>CORPO UTÓPICO</i> FOUCAULTIANO: ILAÇÕES SOBRE O DIÁLOGO DO DRAMATURGO ARISTÓFANES NO BANQUETE, DE PLATÃO	
Yvisson Gomes dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6411910077	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>49</b>
DALCÍDIO JURANDIR: UM ENSAIO SOBRE O ROMANCE DE FORMAÇÃO E A LITERATURA FORMATIVA	
Osileide de Jesus Lira Luzia Batista de Oliveira Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6411910078</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>59</b>
DESDE LA GESTIÓN DE COMPETENCIAS PLURILINGÜES EN HONDURAS HACIA EL DISEÑO DE UNA MAESTRÍA INNOVADORA EN DIDÁCTICA DE LENGUAS Y CULTURAS	
Jean Noel Cooman José Alexis Espino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6411910079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>70</b>
DESVENDANDO UM LUGAR NO TEATRO POR MEIO DO DANJURO: A TÉCNICA A FAVOR DA ADOLESCÊNCIA	
Leonardo Augusto Madureira de Castro Isabella Fernanda Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>79</b>
EXPERIÊNCIAS INTERCULTURAIS E VIVÊNCIAS DE CIDADANIA: A LITERATURA INFANTIL COMO ESTRATÉGIA EDUCATIVA NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR	
Ariana Silva da Fonseca	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>94</b>
FAÇA ARTE NO IFPR: ACESSO À EDUCAÇÃO, CIDADANIA E INCLUSÃO POR MEIO DA ARTE E DA CULTURA	
Máriam Trierveiler Pereira Kathleen Mariane da Silva Lorena Fernandes de Oliveira Terezinha dos Anjos Abrantes Creir da Silva Marcelo Trierveiler Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>112</b>
GRUPO DE TEATRO CATARSE: O TEATRO COMO POSSIBILIDADE DE DIÁLOGO SOBRE A INTOLERÂNCIA NA ATUALIDADE	
Ana Luiza Palhano Campos Silva Monick Munay Dantas da Silveira Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>127</b>
IDENTIDADES EM RISCO: O DISCURSO DISSONANTE DE CAROLINA MARIA DE JESUS	
Janaína Da Silva Sá	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100714</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>139</b>
LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E AS CONTRIBUIÇÕES QUE OS ESTUDOS SOBRE LETRAMENTO TEM NOS REVELADO	
Laine Cristina Forati de Alencar	
DOI 10.22533/at.ed.64119100715	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>150</b>
LITERATURA E GÊNEROS TEXTUAIS ADAPTADOS PARA A CULTURA SURDA	
Noemi Teresinha Gorte Nolevaiko	
DOI 10.22533/at.ed.64119100716	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>158</b>
O GÊNERO RESENHA DE FILME: UMA ANÁLISE DESCRITIVA DAS CAPACIDADES DE LINGUAGEM	
Thaís Cavalcanti dos Santos	
Kathia Alexandra Lara Canizares	
Rosa Maria Manzoni	
DOI 10.22533/at.ed.64119100717	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>172</b>
A IMPORTÂNCIA DA AULA DE LITERATURA NA ESCOLA	
Andréa Portolomeos	
Sophia Assis Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.64119100718	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>179</b>
O LETRAMENTO NA VOZ DOS ACADÊMICOS DE PEDAGOGIA	
Jéssica Fernanda da Silva Gomes	
Rosana Mara Koerner	
DOI 10.22533/at.ed.64119100719	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>185</b>
O TEATRO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Aurora Fernanda Aquino Garcete	
DOI 10.22533/at.ed.64119100720	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>194</b>
RELATO DE EXPERIÊNCIA SISTÊMICA EM SALA DE AULA: PROJETO PINTANDO COM GRAFITE - ESCOLA ESTADUAL PASCOAL RAMOS, CUIABÁ, MT	
Dilma Aparecida Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.64119100721	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>201</b>
UMA ABORDAGEM DO TEXTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA ATRAVÉS DAS RODAS DE LEITURA	
Simone Aparecida Botega	
Andréa Portolomeos	
DOI 10.22533/at.ed.64119100722	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>209</b>
UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE TEATRO NA EDUCAÇÃO E A PROBLEMÁTICA DA INDÚSTRIA CULTURAL E DA SEMIFORMAÇÃO NAS PESQUISAS	
Leonardo Augusto Madureira de Castro	
Isabella Fernanda Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100723</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>223</b>
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROGRAMA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA COM ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE SÃO CARLOS-SP	
Ana Caroline Marques de Souza	
Caroline Bastos de Souza	
Laís Ferraz de Assis Pinto	
Ariele Gomes Botelho	
Adriele da Silva Braga	
Fernanda dos Santos Mendes	
Iury Antônio Oliveira Sá	
Rosilene Côrrea dos Santos Mendes	
Valmir Samuel Farias	
Maristela Carbol	
Fernanda Vieira Rodovalho Callegari	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100724</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>228</b>
LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO SEXUAL ADOLESCER: ESPAÇO DE TROCA DE EXPERIÊNCIAS	
Giseli Monteiro Gagliotto	
Franciele Lorenzi	
Franciéle Trichez Menin	
Gisele Arendt Pimentel	
Eritânia Silmara de Brittos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100725</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>235</b>
AQUISIÇÃO DAS PRIMEIRAS FORMAS DA LINGUAGEM INFANTIL	
Givaldo Carlos Candrinho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100726</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>239</b>

## UMA ABORDAGEM DO TEXTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA ATRAVÉS DAS RODAS DE LEITURA

### **Simone Aparecida Botega**

Universidade Federal de Lavras, Departamento  
de Estudos da Linguagem

Lavras – Minas Gerais

### **Andréa Portolomeos**

Universidade Federal de Lavras, Departamento  
de Estudos da Linguagem

Lavras – Minas Gerais

**RESUMO:** Este trabalho reflete acerca da inserção da arte literária em sala de aula, especificamente por meio do trabalho com as crônicas de Clarice Lispector em rodas de leitura. Tal discussão visa ressaltar a importância do texto literário na formação plena do indivíduo, ao valorizar as potencialidades e a socialização da leitura individual que esse tipo de metodologia promove, conforme Hércules Corrêa, em Glossário desenvolvido pelo CEALE da UFMG. A abordagem da literatura nesse formato pode favorecer um maior envolvimento dos estudantes nas múltiplas possibilidades de significação e apreciação das obras artísticas pelo fato de destacar “determinadas partes do texto explorando a entonação, com o uso de recursos como mudança de voz conforme o personagem, a ênfase em interjeições, gestos e expressões corporais e faciais.” Para que essa prática seja profícua, é necessário ainda que os docentes se utilizem de embasamentos teóricos

que os orientem sobre as especificidades do objeto literário. Nesse sentido, esta comunicação aborda também a particularidade da linguagem literária e, para isso, ancora-se em escritos de teóricos e críticos como Antonio Candido, Mukarovsky, Valéry, Wellek e Jauss. Tais pensadores defendem a propriedade da linguagem literária que, como um sistema diferenciado, utiliza a língua de maneira distinta e, por ser assim, difere-se, em sua natureza e função, das linguagens que visam a uma comunicação direta. Através das rodas de leitura, o aluno-leitor pode ser conduzido a um prazer especial, capaz de ativar sua imaginação, sua criatividade e sensibilidade, contribuindo significativamente para sua formação como sujeito consciente e reflexivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rodas de leitura. Sala de aula. Clarice Lispector.

**ABSTRACT:** This work reflects about the insertion of literary art in the classroom, specifically through the work with the chronicles of Clarice Lispector in reading circles. This discussion pretend to emphasize the importance of the literary text in the full formation of the individual, by valuing the potentialities and the socialization of the individual reading that this type of methodology foment, according to Hércules Corrêa, in a glossary developed by CEALE of UFMG. The approach of literature in

this format can favor a greater involvement of students in the multiple possibilities of meaning and appreciation of artistic works because it highlights “certain parts of the text exploring intonation, using resources such as voice change in accordance with the character, emphasis on interjections, gestures and facial and body expressions. “ For this practice to be beneficial, it is still necessary that teachers use theoretical foundations that guide them about the specificities of the literary object. In this context, this communication also addresses the particularity of literary language and, for that, anchors itself in writings of theorists and critics such as Antonio Candido, Mukarovsky, Valéry, Wellek and Jauss. This thinkers defend the peculiarity of literary language which, as a differentiated system, uses language in a distinctive way and, as such, differs in its nature and function from languages that aim at direct communication. Through the reading circles, the student-reader can be led to a special pleasure, capable of activating his imagination, his creativity and sensitivity, contributing significantly to his formation as a conscious and reflective subject.

**KEYWORDS:** Reading circles. Classroom. Clarice Lispector.

## 1 | A PRÁTICA METODOLÓGICA DA RODA DE LEITURA LITERÁRIA

Em virtude de todo conservadorismo que ainda circunda o ensino de literatura, pautado, muitas vezes, em fichas literárias ou até mesmo em análises gramaticais, faz-se necessária a reflexão sobre práticas metodológicas que validem a abordagem da arte literária e, ao mesmo tempo, garantam o aproveitamento de suas potencialidades.

Ao ser a literatura uma área artística diferenciada integrante desse campo, é imprescindível que o seu tratamento em sala de aula também seja peculiar. Por isso, na tentativa de buscar formas produtivas de trabalho com o texto literário no meio escolar, deparamo-nos com uma estratégia didática ainda pouco adotada, mas muito significativa em termos de metodologia para aulas de literatura: a roda de leitura. Tendo em vista que a escola compõe-se como um meio formador de leitores, essa atividade mostra-se bastante oportuna, pois “tem como objetivo a prática de leitura e de letramento, que visa ao contato com narrativas literárias curtas ou longas.”, como defende o professor Hércules Correa no Glossário do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) ao conceituar tal prática.

Em conformidade com o que destaca esse educador, durante as rodas de leitura, temos múltiplas significações e formas de apreciação das obras artísticas, visto que há uma série de possibilidades de leituras que podem ser caracterizadas pela ação dos discentes em “determinadas partes do texto explorando a entonação, com o uso de recursos como mudança de voz conforme o personagem, a ênfase em interjeições, gestos e expressões corporais e faciais.” (CORRÊA) Dessa maneira, tais práticas com o texto propõem maior participação dos estudantes, bem como promovem uma interação mais profunda entre os integrantes do grupo.

Vale destacar também que essa metodologia de leitura literária facilita a

socialização das obras, isto é, a partilha de impressões sobre os textos lidos. Esse processo amplia as experiências dos estudantes-leitores participantes da roda de leitura, uma vez que eles podem expor seus sentimentos e acepções e, simultaneamente, ouvir a diversidade de significações atribuídas ao texto por seus colegas; prática essa que desenvolve um maior senso crítico e sensibilidade em relação aos seus semelhantes, à vida e ao mundo.

É oportuno lembrar, nesse sentido, as palavras de Hércules Correa ainda no glossário:

Em uma roda de leitura são comuns as seguintes atividades: motivação para a leitura, apresentação do autor e da obra, a leitura do texto em si e uma roda de conversa, debate ou discussão sobre a obra lida. Geralmente a obra a ser lida na roda é escolhida pelo mediador ou pelos próprios participantes, por meio de votação. Também pode ser previamente combinado com os participantes se haverá ou não interrupção da leitura do texto, para comentários e apreciações. (CORRÊA)

Isto é, as atividades de leitura e apreciação realizadas nas rodas de leitura permitem maior contato entre leitor e obra, uma vez que as possibilidades de compartilhamento de ideias são diversificadas. Dessa forma, o gosto pela leitura literária pode ser desenvolvido com maior sucesso se observada essa prática em sala de aula pelo professor

## 2 | O ALICERCE TEÓRICO PARA A PRÁTICA DAS RODAS DE LEITURA

Como forma de embasamento teórico para as discussões desenvolvidas nas rodas literárias em sala de aula, temos os escritos de teóricos e críticos da literatura. Essas referências são essenciais, pois atuam como subsídio para os docentes que exercerão a atividade de ensino da literatura. Tais pensadores defendem a particularidade da linguagem literária que, como um arranjo particular da linguagem, diferindo-se assim, em sua natureza e função, das linguagens que preferenciam uma comunicação direta.

René Wellek, um renomado teórico e estudioso da literatura, sublinha que um modo elementar de pensar a natureza literária é “distinguir o uso particular dado à língua nesse campo. De acordo com ele, “A língua é material da literatura, como a pedra e o bronze são da escultura, as tintas o da pintura, os sons o da música.” (2003, p.14). Ou seja, a literatura, assim como as outras artes, constitui-se a partir de um elemento principal: a língua. Sendo assim, segundo esse autor, devemos realizar as distinções dos três usos que fazemos da língua: o uso cotidiano, o científico e o literário, ressaltando que cada utilização contém características específicas. Em primeira análise, de acordo com o que aponta Wellek (2003), podemos observar que a linguagem literária é eminentemente diferente da linguagem científica, uma vez que, nesta última, há predominância da função referencial da linguagem, na qual o signo possui um único referente, ao passo que na literatura temos a “linguagem do desvio”, conforme formalismo russo, rica em ambiguidades, plurissignificativa. Outra

diferenciação necessária se dá entre a linguagem cotidiana e a de natureza literária. Como pontua Wellek(2003), nem sempre o uso dos recursos da linguagem cotidiana é consciente. Já a literária utiliza os recursos linguísticos através do trabalho de modo sistemático e de maneira mais reflexiva. Por essa razão, temos que “[...] uma obra de arte literária não é um objeto simples, mas, antes, uma organização altamente complexa, de carácter estratificado, com múltiplos significados e relações.” (2003, p. 22)

Entendemos, então, que a linguagem artística não é unívoca como a linguagem científica e, também, não se associa à referencialidade da linguagem cotidiana. Essa concepção dialoga com o que afirma Jan Mukarovsky (1981) sobre a especificidade literária, constituída primordialmente pelo signo estético. Segundo esse autor, o signo estético é plurissignificativo e não conduz a uma única interpretação. Percebemos, assim, uma concordância entre esses dois estudiosos, já que ambos acreditam que a função estética deve sobressair em uma obra de arte literária. Nas palavras de Wellek(2003, p.20): “é melhor considerar como literatura apenas obras nas quais a função estética é dominante”.

Outra discussão importante diz respeito à função da literatura. Conforme esclarece Wellek, devemos considerar um texto literário com “ausência de propósito prático” (2003, p.22) Isto é, a literatura não comunica alguma verdade, ou é produzida para determinados fins. O mesmo teórico ensina que as funções da literatura estão intimamente vinculadas à sua natureza, por isso é preciso construir conhecimentos acerca da especificidade do texto literário.

Além disso, é válido lembrar que o modo como o texto literário representa o real faz com que os leitores, neste caso, estudantes, sintam e reflitam sobre as suas questões particulares, as questões de seu mundo, de sua sociedade. Dessa maneira, tendem a reorganizar, também, a sua percepção pela via da subjetividade. Isso ocorre porque a arte é capaz de desautomatizar o olhar, que se encontra muitas vezes alienado e mecanizado em virtude das práticas promovidas pela nossa organização social. Isto posto, depreendemos que a arte é capaz de flexibilizar o automatismo diante da vida, fazendo com que a atuação do sujeito transpasse o hábito através de uma percepção particular sensível. Dessa forma, temos que cada sujeito direciona seu olhar sobre a obra de arte sob diferentes perspectivas, de acordo com a sua sensibilidade formada também por sua cultura, educação, tradição familiar etc. (CHKLOVSKI, 1973). Essa propriedade de particularizar a vida é de grande valor para o processo educacional, o qual defende ações escolares engajadas, pautadas no desenvolvimento dos sujeitos como cidadãos críticos, reflexivos e emancipados.

Tendo em vista essa particularidade do texto artístico, é conveniente para este trabalho, lembrar também, o que sublinha Jan Mukarovsky (1981) sobre o tempo da leitura literária, a qual se difere da pragmática. De acordo com o crítico, essa ocorre por etapas, sendo constituída predominantemente pelo signo estético, que se diferencia do utilitário por não possuir um único referente no mundo real, caracterizando-se então,

como plurissignificativo. Nessa esteira, os leitores necessitam de uma percepção mais atenciosa e menos automática em relação ao texto, uma vez que, como diz esse estudioso “o acto de percepção da obra de arte nunca é instantâneo, antes decorre no tempo e decorre por fases.” (MUKAROVSKY, 1981, p.223)

Sendo assim, o leitor é parte integrante e ativa no processo de leitura literária, uma vez que esse é quem significa o texto de acordo com a sua subjetividade. Nesse viés, ainda lembra Mukarovsky (1981, p.223) que “A arte é actividade não só do ponto de vista do autor [...] mas também na óptica do receptor, principalmente na percepção activa.” Ou seja, a obra não é somente constituída pelo autor, em razão da função estética – não tem um significado unívoco – visto que o leitor, por meio de suas experiências e seu imaginário, consegue atingir a fruição literária.

Todos os conceitos discutidos nesse tópico são de extrema importância para validar o trabalho do professor como agente mediador, responsável por selecionar os textos e organizar as atividades da roda, de maneira a legitimar os seus objetivos de formação de sujeitos emancipados através das aulas de literatura. Ao ter as suas habilidades conceituais reforçadas, ele percebe o quanto é preciso valorar os comentários dos alunos durante a socialização, o que leva o leitor-aluno a compreender-se produtor de sentido, sujeito ativo naquele ambiente e no mundo.

### **3 | AS CRÔNICAS DE CLARICE LISPECTOR E AS RODAS DE LEITURA: UMA CONTRIBUIÇÃO À DISCUSSÃO**

Como forma de proposta metodológica para os professores de literatura, sugerimos a atividade em sala de aula com o gênero literário crônica, abordado no formato das rodas de leitura. O potencial desse gênero literário foi explorado pelo professor e literato Antonio Candido em *A vida ao rés-do-chão*. Nesses escritos, ele especifica, de forma clarificada, que as crônicas desestabilizam a visão trivial dos sujeitos sobre o mundo, ao reorganizar os elementos conhecidos cotidianamente e atribuir-lhes sublime importância antes não reconhecida.

[...] quebrar no leitor a possibilidade de ver as coisas com retidão e pensar em consequência disto. Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. (CANDIDO, 2003, p. 89)

Com riquezas temáticas, a crônica harmoniza o homem com o que há de natural no existir, de modo que essa relação o leva a refletir sobre o que o cerca, além de voltar o seu olhar para si, enquanto ser humano que vivencia situações e experiências relevantes. Esse processo é, então, humanizador, uma vez que aproxima o sujeito de sua realidade social, de sua condição humana de produtor e não somente de reproduzidor de sentido. Tais entendimentos podem ser verificados nos apontamentos do sociólogo

O seu grande prestígio atual é um bom sintoma do progresso de busca da oralidade na escrita, isto é, na quebra do artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo. E isto é humanização da melhor. Quando vejo que os professores de agora fazem os alunos lerem cada vez mais as crônicas, fico pensando a importância deste agente de uma visão mais moderna na sua simplicidade reveladora e penetrante. (CANDIDO, 2003, p. 91)

Em consonância à concepção de Antonio Candido acerca do gênero em questão, apresentamos a reflexão de Machado de Assis, representada por meio da função metalinguística da linguagem. O autor produz uma crônica intitulada “O nascimento da crônica” na qual discute a origem desse gênero que, segundo ele, advém de situações simples, como conversas cotidianas e despretensiosas

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica. (ASSIS, 1994, p.13)

Nesse viés, compreendemos a crônica como um tipo de texto literário produzido a partir da simplicidade das vivências corriqueiras. Entretanto, possui a propriedade de modificação, atribuindo a esses acontecimentos uma certa relevância, o que desautomatiza o olhar do leitor em relação ao que já é conhecido, mas não é visto de forma crítica e reflexiva.

Sugerimos, a essa proposição, as crônicas de Clarice Lispector contidas em seu livro *A descoberta do mundo*, pelo fato de permitirem um contato maior entre leitor e obra por meio dos assuntos cotidianos trabalhados de forma poética e desestabilizadora – pontos que abrem espaço para (re)significações pessoais. Destacamos que as nossas análises não têm a pretensão de esgotar todas as vias de interpretação da obra artística. O foco temático pode ser explorado de acordo com a participação do grupo de leitores e, por ser a arte literária plurissignificativa, outras relações e acepções podem ser acrescentadas, o que torna rica a experiência de leitura literária.

Como forma de pensar as propriedades discutidas como constituintes da literatura, as quais podem ser analisadas no momento de discussão na roda, selecionamos a crônica, intitulada “O milagre das folhas”, a qual promove grandes questionamentos.

#### O MILAGRE DAS FOLHAS

Não, nunca me acontecem milagres. Ouço falar, e às vezes isso me basta como esperança. Mas também me revolta: por que não a mim? Por que são de ouvir falar? Pois já cheguei a ouvir conversas assim, sobre milagres: “Avisou-me que, ao ser dita determinada palavra, um objeto de estimação se quebraria.” Meus objetos se quebram banalmente e pelas mãos das empregadas. Até que fui obrigada a chegar à conclusão de que sou daqueles que rolam pedras durante séculos, e não daqueles para os quais os seixos já vêm prontos, polidos e brancos. Bem que tenho visões fugitivas antes de adormecer – seria milagre? Mas já me foi tranquilamente explicado que isso até nome tem: cidetismo, capacidade de projetar no campo alucinatório as imagens inconscientes. Milagre, não. Mas as

coincidências. Vivo de coincidências, vivo de linhas que incidem uma na outra e se cruzam e no cruzamento formam um leve e instantâneo ponto, tão leve e instantâneo que mais é feito de pudor e segredo: mal eu falasse nele, já estaria falando em nada. Mas tenho um milagre, sim. O milagre das folhas. Estou andando pela rua e do vento me cai uma folha exatamente nos cabelos. A incidência da linha de milhares de folhas transformadas em uma única, e de milhões de pessoas a incidência de reduzi-las a mim. Isso me acontece tantas vezes que passei a me considerar modestamente a escolhida das folhas. Com gestos furtivos tiro a folha dos cabelos e guardo-a na bolsa, como o mais diminuto diamante. Até que um dia, abrindo a bolsa, encontro entre os objetos a folha seca, engelhada, morta. Jogo-a fora; não me interessa fetiche morto como lembrança. E também porque sei que novas folhas coincidirão comigo. Um dia uma folha me bateu nos cílios. Achei Deus de uma grande delicadeza. (LISPECTOR, 1984, p.241)

Em relação à temática abordada pela autora, podemos entender, empiricamente, que a folha não remete somente à folha – objeto, referente. Esse objeto pode representar fatos cotidianos pelos quais passamos e não percebemos a sua grandiosidade, por essa razão, a narradora refere-se a esses acontecimentos como sendo milagres. Sua reclamação inicia-se na crônica pelo fato de ela nunca ter vivenciado um milagre e por ser vítima de casualidades desastrosas. A partir de um monodialogo, ela constrói a negação e a aceitação do milagre, esta última ocorre quando percebe a presença das folhas que caem sobre os seus cabelos quando ela passa. Assim, temos a valorização de um evento simples, mas que toma proporções importantes para a narradora.

Nesse instante da conversa na roda, é importante que o professor-mediador instigue os alunos a refletirem acerca da representação da folha como um milagre, ao indagar, por exemplo sobre a apreciação de uma folha em detrimento de outras situações “importantes” no dia a dia, discutindo que folha não está remetendo ao sentido denotativo desse objeto, mas foi colocada de maneira metafórica.

Ademais, vale lembrar que essa concepção de valorização do que é simples e do que geralmente não consideramos de grande importância, dialoga com o que afirma Wellek sobre a real função de um artista. De acordo com o teórico,

Sua real função é fazer-nos perceber o que vemos, imaginar o que já conhecemos conceitual ou praticamente[...] o artista nos lembra do que deixamos de perceber ou nos faz ver o que, embora estivesse ali o tempo todo, não tínhamos visto?” (WELLEK, 2003, p.29 - 30)

Ou seja, o texto literário em questão, leva-nos a reflexão sobre os fatos que ocorrem e nós somente os percebemos superficialmente, mas não vemos e, na maioria das vezes, não dedicamos atenção. Temos, então, uma rica propriedade da literatura que consiste em desautomatizar nosso olhar para que possamos enxergar, de maneira mais aprofundada, que existe e temos contato cotidianamente.

Essa temática pode ser fortemente prazerosa se trabalhada em sala de aula por meio das rodas literárias; o que se justifica pelo fato de abordar questões cotidianas de forma a valorizá-las em sua simplicidade. Diante disso, cada estudante poderia relatar experiências que se assemelham ao “milagre das folhas”. Lembrando que cabe ao professor, com seu conhecimento fundamentado nas características particulares da literatura, mediar a construção de saberes, atentando os leitores para os desvios da

linguagem, que não é pragmática, de forma que a discussão seja mais rica. Dito de outro modo, ao profissional, mediador da roda de leitura, compete lembrar os participantes acerca da interpretação metafórica e construída através do cuidadoso trabalho com a linguagem, sistematizada de maneira a ser plurissignificativa e a incentivar reflexões.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, perante o que foi apresentado, concluímos que através das rodas de leitura, o aluno-leitor pode ser conduzido a um prazer especial, capaz de ativar sua imaginação, sua criatividade e sensibilidade, contribuindo significativamente para sua formação como sujeito consciente e reflexivo. Ou seja, a leitura literária compartilhada amplia as visões interpretativas sobre o texto, além de promover ricos debates sobre temas relevantes para o desenvolvimento dos estudantes como sujeitos plenos. Ademais, ao ser colocado em contato com o prazer artístico, através da metodologia da rodas de leitura, o discente poderá adquirir um maior gosto pela leitura do texto literário, desenvolvendo suas próprias preferências, tornando-se assim um sujeito crítico e emancipado em nossa sociedade.

#### REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Crônicas escolhidas de Machado de Assis** – Coleção Folha. São Paulo: Ática, 1994, p. 13-15.

CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. In: **Para gostar de ler: crônicas**. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003. P.89-99.

CHKLOVSKI, Victor. A arte como procedimento. In: TOLEDO, Dionísio de (org.). **Teoria da literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1973.

CORRÊA, T. Hércules. In: **Glossário Ceale (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita)** Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/roda-de-leitura> > Acesso em: 15 maio 2018

LISTECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MUKAROVSKY, Jan. **Escritos sobre Estética e Semiótica da Arte**. Lisboa: Estampa, 1981.

WELLEK, René. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-464-1



9 788572 474641